

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO
17 e 28 de Março de 2022

POURVU QU'ON AIT L'IVRESSE / 1957

Um filme de Jean-Daniel Pollet

Realização e Argumento: Jean-Daniel Pollet / Direcção de Fotografia: Jean-Daniel Pollet e Jacques Durr / Música: Claude Bolling / Montagem: Jean-Daniel Pollet e Michel Durantel / Interpretação: Claude Melki.

Cópia em 35mm (restaurada), preto e branco, sem legendas / Duração: 20 minutos / inédito comercialmente em Portugal.

Pourvu qu'on ait l'Ivress é apresentado com **La Ligne de Mire** (“folha” distribuída em separado).

Jean-Daniel Pollet era tão novo à época da nouvelle vague (21 anos quando realizou este **Pourvu qu'on ait l'Ivresse**, seu filme de estreia, dois anos antes da data de nascimento “oficial” da nouvelle vague, 1959) que se pode dizer que só “explodiu” verdadeiramente depois de dissipada a dinâmica inicial do movimento – em que ele, numa visão abrangente, e não apenas por questões geracionais, pode e deve ser inserido. Aliás, a nouvelle vague “reclamou” a sua pertença, ao incluí-lo no famoso “dicionário da nouvelle vague” publicado nos *Cahiers du Cinéma* de Dezembro de 1962, um “dicionário” que tinha também a intenção de separar o trigo do joio e definir quem, de entre as dezenas de jovens cineastas aparecidos naqueles anos, estava realmente dentro do espírito da “vaga”, e quem se limitava oportunisticamente, a surfá-la. Nesse “dicionário” afirmava-se que Pollet era, de todos os cineastas presentes, “*aquele cuja orientação futura parecia menos previsível*” – e “imprevisível” parece ser, a melhor palavra para caracterizar o cinema de Pollet, que partiu daqui para uma obra inclassificável, que se estendeu até ao início do século XXI (Pollet, nascido em 1936, morreu em 2004). Por essa altura de 62 em que foi publicado o “dicionário”, e para além deste filme inicial, Pollet já realizara outra curta, **Gala**, e uma longa-metragem, **La Ligne de Mire**, um filme que o cineasta durante anos não deixou ninguém ver, afirmando, enigmaticamente, que só estaria pronto quando ele, Pollet, morresse (foi a resposta que obtivemos do próprio quando, em 1999, quisemos incluir **La Ligne de Mire** no ciclo que então organizámos sobre a nouvelle vague). De **Pourvu qu'on ait l'Ivresse**, filme premiado em Veneza, pertencem ainda a esse dicionário algumas das observações mais justas: “*O que aparenta Pollet a Vigo, mais do que a paixão pelo bizarro, é o frémito que ele sabe, a cada segundo, comunicar aos seres, aos cenários e aos objectos, este peso com que ele carrega sempre a sua aparição*”. Logo em 1962, portanto, já não escapava a ideia de que Pollet seria um cineasta da “matéria do mundo”... Mas falava-se de “paixão pelo bizarro”, expressão que a restante obra do realizador permitiria definir melhor e mais justamente como um trabalho continuado sobre as relações entre a “norma” e o que lhe foge ou que a desafia. Se

há aqui alguma paixão pela estranheza, é pela estranheza das coisas comuns, ou mais ainda, pela forma como o cinema permite olhar as coisas comuns de maneira reveladora do que elas têm de incomum. **Pourvu Qu'on Ait l'Ivresse** faz um pouco disso, tanto pelo projecto (o título é retirado de uma novela de Musset, o filme parece ser uma variação sobre a sua narrativa) como pela sua ambientação num baile popular, como ainda pelo sui generis rosto do protagonista Claude Melki (que se tornaria, durante alguns anos, o actor-fétiche de Pollet), que rapidamente se torna numa das principais “atracções” do filme.. Mas essa bizarrria, posta ao serviço de um olhar sobre o quotidiano (que há de mais banal do que um baile popular?) é aqui, essencialmente, uma maneira de chamar a atenção sobre o poder transfigurador do cinema, que pode *tocar* um baile na província e transformá-lo numa esfusante réplica de uma comédia musical... “desde que tenhamos a embriaguez” necessária para isso. Como, em 1957, Pollet já tinha.

Luís Miguel Oliveira